

CRÍTICA

O HÓSPEDE DE JOB (1), de José Cardoso Pires

A O publicar *Os caminheiros e Outros Contos*, em 1946, José Cardoso Pires reservava-se, desde logo a uma posição especial na literatura portuguesa na segunda metade do século. Realmente, José Cardoso Pires trazia a um certo tipo de literatura, então a des- pontar, dimensões que ela desconhecia: *Os Caminheiros* ou *A Semente Cresce Oculta*, parecem-me trechos de antologia. A grande qualidade de Cardoso Pires era a maior complexi- dade e riqueza da sua visão e, certamente, o valor literário do seu estilo, a sua *necessidade*,

funcionalidade. O estilo do autor de *O Hóspede de Job* foi, sempre e *ab initio*, um estilo *essencialista*, directo, sintético, recorrendo a uma linguagem parca, limitada na procura dos termos, mas não pobre de expressividade literária, não aliterária — porque isto de linguagem literária nada tem de pejorativa, uma vez ser a meta *fazer literatura*. Em suma, acontecia o seguinte: estávamos perante um autêntico novelista, perante alguém que, desprovido de um estilo culto, ignorante de certas potencialidades da língua, possuía a intuição da expressão novelística, o segredo do equilíbrio da mesma. E, na verdade, é que assim não acontecera com vários dos prosadores do chamado neo-realismo. Vejamos uma diferença importante (e, por isso, referi acima a *necessidade e funcionalidade* do estilo de J. C. P.): escrever em estilo pobre, peco, destituído de sugestabilidade literária, uma vez que se não pode escrever melhor, que se é incapaz de encontrar a expressão sugestiva e recriadora de uma visão; escrever em estilo parco, directo, architectado em linguagem simples, porque

isto mesmo o exige a visão que se pretendeu reconstituir, porque deste modo se atingem os efeitos ambicionados, conseguindo uma forma original, certificado de garantia de uma visão original. E, parece-me, do enunciado em primeiro lugar, exemplo Soeiro Pereira Gomes, enquanto a obra de J. C. P. testemunha, exactamente, da segunda afirmação. J. C. P. é, aliás como Soeiro Pereira Gomes, um artista mais interessado na vida e no testemunho-revelação dela do que no amarelecimento aristarquiano das bibliotecas e das sebentas; pensa, como Pierre Drieu La Rochele (2), que *on ne vit pas pour écrire, et on n'écrit que parce qu'il est nécessaire d'écrire pour vivre*, e que *il faut d'abord vivre* (id.); pensa na indispensabilidade da experiência, na imperiosidade da acção: da própria acção literária: e o resto impor-se-á de dentro para fora: será uma questão de moldar a pedra da linguagem, a pedra da forma, de a domar fazendo com que ela se curve à medida dos seus desejos. J. C. P. poderia, talvez, amestrar a forma (e, no fundo, ele amestra-a), amestrar a linguagem, mas está nisso relativamente interessado: há que viver e o tempo é pouco. É a sua maneira e corre o risco dela. E, porque tem a selva dos autênticos criadores literários, porque descobre em si toda uma avassaladora originalidade, sai vencedor do cambate travado. A sua linguagem serve, a sua forma enriquece-se: na verdade, J. C. P. tem de escrever para que a vida se lhe abra, e, tal qual em todos os autênticos criadores literários, as duas coisas confundem-se: e é na própria vida

que J. C. P. vai destrincar as regras da sua arte novelística; e a profundidade humana dos seus personagens e das situações narradas. Em poucos autores da nossa história literária a ligação vida-expressão literária da mesma

surgirá tão evidente quanto julgo apercebê-la na obra de J. C. P. — isto não só pelo carácter testemunhal dos contos e novelas; também, graças ao esbater dos malabarismos de técnica (os artificios são até, por vezes, bem visíveis, quase ingénuos, e exactamente por isso preciosos, *servidores*, directos, aparentemente de somenos importância) e ao sobrepor de uma experiência intensa. Natural-

(Continua no 13.º pág.)

CRÍTICA

(Continuação das págs. centrais)

mente, não se faz literatura sem experiência, sem arte literária: pelo menos, literatura que importe — mas, depois, há várias maneiras de mexer nessas coisas; naturalmente, outro lugar-comum, não há expressão literária não-subjectiva: mas a procura da expressão é, desde logo, um esforço de objectivação. E, na maneira de J. C. P., encontramos o cuidado de impedir o subjectivo de se perder em si mesmo, o cuidado de evitar perca uma obra literária o carácter de *totalidade geométrica* (chamemos-lhe assim) que deve ter e se trans-

forme em confusão unilateral — esta, uma plataforma que aproximará muitas obras quando delas se consiga a perspectiva indispensável. J. C. P. é um artista implicado num esforço de atirar para fora, de se virar para fora, através de si próprio, para que a si próprio se veja e às coisas; é um escritor a maior parte das vezes mais impressionista do que expressionista, mas claramente marcado por uma preocupação expressionista (e assim se distinguirá de muitos companheiros no tempo).

O *Hóspede de Job*, seu primeiro romance, é testemunha disto tudo; da essencialidade da linguagem, da forma directa, da preocupação expressionista, da ambição de uma *totalidade geométrica* (e. des. a ambição de totalidade nos fala, até, haver J. C. P. escolhido o romance para se expressar). Qual o merecimento da sua primeira experiência romanesca? Será ela, de facto, um romance? Sem possuir alvará do género, arrisco-me, com Alexandre Pinheiro Torres (3), a dizer que sim; estamos perante uma obra una, que conta uma história suficientemente complexa nas suas várias linhas de força para que se distinga de uma novela, suficientemente una e nuclearmente organizada para que se distinga de uma colecção de contos — as várias linhas de força são interdependentes. Maior ou menor o mérito do romance: isso é outro problema. Porque afirmar, tão só, a sua qualidade de romance julgo-o insuficiente, e errado, neste caso, procurar minimizar a obra dizendo a sua forma não romanesca. Ainda que não o fosse, seria outra coisa, e, possivelmente, valorizável como tal.

O *Hóspede de Job* parece-me romance valioso, ressentindo-se, todavia, do esforço, referido atrás, de expressionismo e testemunho — testemunho objectivo da vida, para lá de circunstancial documento. O que há é uma tentativa fortíssima de *reter* o milagre da vida e preservá-lo do contágio de um subjectivismo deturpador, a tentativa de isolar uma *tranche de vie*. E J. C. P. pode fazê-lo com rara felicidade: a isso o ajuda a sua capacidade descritiva — muito rara — o seu sentido da economia literária, o *nervo* da sua prosa: por aí se defende — há um bom bocado de virtuosismo no livro.

Defende-se, mas de quê? Da *secura* que o ameaça; os seus personagens adquirem uma dimensão plástica exemplar, todavia não — ultrapassada — em *Uma Simples Flor nos Teus Cabelos Claros*, ou em *A Rapariga dos Fósforos*, por exemplo, os personagens têm uma dimensão psicológica diversa, um calor humano (A *verdade humana das personagens de um romance é uma exigência fundamental de toda e qualquer estética do romance* (4). afinal, uma *totalidade* que procurei, debalde, no romance de J. C. P. Vive de rasgos intermitentes, e então aí, sim, reencontramos o contista de *Estrada 43*. A verdade humana dos personagens de romance é a que se nos impõe; quero dizer: evidentemente, os personagens deste romance são *verdadeiros*, humanamente verdadeiros, ou, se quiserem, humanamente possíveis, e, por isso, *verdadeiros*. Mas, a verdade em questão é uma verdade a libertar-se deles enquanto personagens de obra literária, e que no-os impõe como entidades, por assim complexas, várias — humanas. Em *O Hóspede de Job* nós vemos passar os personagens, mais do que eles se nos impõem como *gente*. É um romance de que o romancista se afastou demasiado: assim, tudo se desenrola a uma grande distância, distância excessiva para que se revelem as profundezas das coisas. Falei de rasgos intermitentes. J. C. P. é um escritor rico: e, por isso, o seu livro brilha em algumas páginas. Mas carece de unidade, adoce-o. Daqui a julgar a impossibilidade de um J. C. P. romancista... Até porque *O Hóspede de Job* está acima do nível atingido pela maioria dos romances que se publicam em Portugal. O que não quer dizer que esteja ao nível do que José Cardoso Pires já se mostrou capaz

M. de S. L.

(1) Editorial Arcádia, 1963

(2) Sur les Écrivains, pág. 279, Ed Gallimard Paris, 1964.

(3) Jornal de Letras e Artes, 18/3/64.

(4) João Gaspar Simões, in *Crítica* 1, pág. 471. Liv. Letras Editora, s. d.